

## **A racionalidade insultada: A resistência às “Ciências Sociais” e dados qualitativos nas ações United States Information Agency - 1963-1974**

Adriano J. Marangoni\*

### Resumo

Evidências documentais levantadas no National Archives and Records Administration, em Washington DC, apontam as características da estrutura, métodos, tradições, intenções, ações e valores da United States Information Agency/Services (USIA/USIS). Isso fica visível nas ações das agências no Brasil durante o período que vai de 1963 a 1974. Por meio de documentos produzidos por oficiais da agência e seus colaboradores, é possível reconhecer que este ramo do Departamento de Estado americano buscava interpretar as opiniões de parcelas de público no Brasil, especialmente estudantes, por meio de estudos de natureza racionalista e estatística, capazes de gerar dados quantificáveis, um recurso mais sólido para qualquer futuro empreendimento desejado.

### Palavras-chave

USIA, USIS, Cultura, Brasil, Estados Unidos, Guerra Fria

### Abstract

Documental evidence obtained at the National Archives and Records Administration in Washington DC indicates structure, methods, traditions, intentions, actions and values that characterize United States Information Agency/Services (USIA/USIS). This is visible during the agencies actions in Brazil from 1963 to 1974. Through documents produced by the agency officials and its collaborators, it is possible to recognize that this State`s Department branch aspired to interpret the opinion of public Brazilian segments, particularly students, using surveys of rational, statistical nature, more apt to produce quantitative data, a more solid resource for any potential endeavour.

### Keywords

USIA, USIS, Culture, Brazil, United States, Cold War.

---

\*Doutorando e mestre em História Social pela PUC-SP, fellow do *Center for Latin American and Latino Studies* da *American University*, Washington DC. Entre março e julho de 2014 realiza pesquisa no National Archives and Records Administration com auxílio da CAPES e apoio institucional do CLALS-AU. Autor do capítulo “Vendo tudo Vermelho” do livro *Os Americanos* (São Paulo, 2010).

“US Information Service

Embaixada Americana,

Rio de Janeiro,

13 de Maio de 1964

OFICIAL INFORMAL

OSTENSIVO<sup>1</sup>

Caro John:

A respeito da pesquisa de Wedge: minha segunda leitura não me impressionou tanto quanto a primeira. A partir dos métodos que ele descreveu, não estou certo que essas técnicas vão alcançar as informações que ele diz ou sugere buscar. Ele diz (na primeira página da proposta) que vai conseguir dados sobre:

- 1) Opiniões existentes
- 2) As raízes dessas opiniões e atitudes sobre elas na medida que os estudantes as concebem, e por fim.
- 3) Fontes de informação uma vez que elas compõem o refinamento de opiniões, as reações a informações disponíveis, além de dados sobre padrões e estilos de comunicação e persuasão.”<sup>2</sup>

O trecho foi escrito por Johnathan P. Lane, funcionário da United States Information Service, a USIS, lotado no Rio de Janeiro. A carta era endereçada a seu superior, Mr. John Evans, na Divisão de Sondagem e Pesquisa da United States Information Agency (USIA), em Washington DC. A carta se refere ao estudo sobre as opiniões, atitudes e estilos de comunicação dos estudantes universitários brasileiros, uma pesquisa proposta por um certo Dr. Bryant Wedge, do Institute for the Study of National Behavior, Inc., uma instituição privada de Princeton, Nova Jersey.

Em 1963, o Dr. Wedge estava entusiasmado, confiante de que poderia fazer um excepcional trabalho no campo das comunicações e psiquiatria social em um país em estágio de desenvolvimento. Sua pesquisa previa um período

---

<sup>1</sup> Como em muitos documentos produzidos pelo Departamento de Estado Americano, cada emissão de comunicação, seja telegrama, carta ou mala direta, trazem impressas o grau de sigilo que os autores ou agências imputam nas informações contidas nesses documentos. Nas instâncias diplomáticas e militares brasileiras não existe um equivalente em português de “unclassified”, ou seja, “aberto”. Aqui optou-se por traduzir como “ostensivo”.

<sup>2</sup> Carta de Johnathan Lane, da USIS-RJ, a John Evans, da USIA. Disponível no NARA, RG 306, E1018, Caixa 3, Tradução do autor.

de 4 semanas de trabalho, entrevistar cerca de 1200 pessoas, a um custo preliminar de cerca de 22 mil dólares (valor da época).

No fim daquele ano e nos primeiros meses de 1964, Wedge trocou várias cartas com o Dr. Ralph K. White, Chefe de Projetos Especiais da USIA, que via com interesse tal tipo de pesquisa num país como, por exemplo, o Brasil, local eleito do survey de Wedge. Em carta datada de 27 de janeiro de 1964 e endereçada a White, ele justificava o potencial científico de seu projeto:

“Depois de muita reflexão estou convencido que uma grande contribuição pode ser feita por meio desse projeto, não apenas em termos de abordagem da base operacional das opiniões, sua significativa operacionalidade, mas também na direção de definir meios para alcançar um agudo entendimento dos Estados Unidos nesse segmento crucial da população.”<sup>3</sup>

Meses depois, Johnathan Lane, como funcionário de um ramo do Departamento de Estado Americano, vivia dias atribulados no Brasil. A instabilidade política foi avassaladora. João Goulart, sem apoio do Congresso Nacional, apelou ao apoio das massas populares, dos sindicatos, dos praças da Marinha e Exército, uma escalada para o fracasso. Os jornais, por outro lado, ressoavam uma ampla posição anti-Jango. Marchas pela família, pela Igreja, pelas tradições, pelo anti-imperialismo, pela nação, pela propriedade privada, pelo progresso, pelo futuro, pela juventude, pela reforma... Havia uma infinidade de outras bandeiras de matizes bem parecidos que confundiam qualquer espectador incauto que tentasse dar sentido ou nomes para os valores que estavam sendo violados naqueles meses de crise nacional. Rivalidades políticas históricas usavam os mesmos termos para se acusar: entreguismo, monopólio, antinacionalíssimo, antipatriotíssimo. O fiel da balança, apontavam os jornais, eram as Forças Armadas. E o dispositivo militar com que Goulart contava para garantir sua presidência, falhou.

Dizia Lane:

1) Não há dúvida de que [Wedge] chegará a algumas informações sobre o primeiro item [opiniões dos estudantes], mas este, é claro, é o item o qual nós mais já dispomos de informação.”<sup>4</sup>, afinal, como apontam dezenas de

---

<sup>3</sup> Carta do Dr. Bryant Wedge para Ralph White, disponível no NARA, RG306, E1018, Caixa 3. Tradução do autor.

<sup>4</sup> Carta de Johnathan Lane, da USIS-RJ, a John Evans, da USIA. Disponível no NARA, RG 306, E1018, Caixa 3, Tradução do autor

caixas de documentação do National Archives, a USIA/USIS fazia sondagens (surveys) quase periódicas nos mais variados estratos sociais brasileiros.

Uma atenção especial era dada aos estudantes, indicada pelo grande volume de relatórios. Este não é nada pequeno. Produzidos pela divisão de pesquisa, são cerca de 100 páginas por relatório, cerca de 10 a 30 relatórios anuais, isso apenas parte do pequeno período abordado, quase aleatoriamente até aqui, de 1952 a 1974. Os estudantes universitários das capitais, particularmente Rio de Janeiro e São Paulo, são foco de diversos deles.

A USIA/USIS, a partir de 1952, fazia levantamentos tão objetivos quanto possível, o que resultava em relatórios contendo mapas, estatísticas, cruzamento de dados e análise de correlações com relatórios equivalentes de outros países (há menções a postos da USIS em Buenos Aires, Caracas, Lima, San José, Cidade do México, Paris, Madri, Lisboa, Milão, Roma e outros). Um estudo como o de Wedge poderia ser descabido, ou pior, um gasto desnecessário de recursos e esforços do Departamento de Estado, especialmente se uma metodologia precisa não fosse estabelecida previamente. Perto do que já era rotina de trabalho da USIS, a proposta de Wedge era, no mínimo, mal formulada. Lane advertia ao superior, “[...] Ele não diz qual é a profundidade da entrevista que está imaginando, nem indica que tipo de análise objetiva ele fará dos resultados, se é que fará alguma.”<sup>5</sup>

Em 1964 a USIA, órgão central em Washington DC, e suas unidades regionais no exterior, as USIS, não eram pequeno grupo ou um ramo amador de operações do Departamento de Estado. Oficialmente ela foi criada pela Ordem Executiva 10477 do Presidente Dwight Eisenhower, em 1º de Agosto de 1953. Ela centralizava as atividades antes executadas pelo *International Information Administration* (IIA), *Technical Operation Administration* (EOA) e pela *Mutual Security Agency* (MSA). Estas ainda eram um legado do antigo *Comitee on Public Information* (CPI), órgão criado na gestão de Woodrow Wilson em 1919. Legalmente, a USIA/USIS agia principalmente sob duas Leis, a *Public Law 80-402 (United States Information and Educational Exchange Act*

---

<sup>5</sup> Carta de Johnathan Lane, da USIS-RJ, a John Evans, da USIA. Disponível no NARA, RG 306, E1018, Caixa 3, Tradução do autor

de 1948), mais conhecida como Smith-Mundt Act, e a P.L. 87-256 (*Mutual Educational and Cultural Exchange Act* 1961), mais conhecida como Fullbright-Hays Act.

Ademais, o que a pesquisa feita até aqui indica é que a USIA tinha dupla função: a) *difusão* de informações sobre cultura, conhecimentos técnicos, científicos, culturais, históricos e tradicionais americanos, e b) a *coleta* de informações (*information gathering*) sobre os países onde as agências da USIS estavam lotadas.

“Algumas informações virão à tona nesse tipo de entrevista, mas eu presumo que ele vai obtê-las a partir de 60 e poucos grupos, discussões envolvendo 20 pessoas cada um.”, reconhecia Johnathan Lane em sua carta a John Evans. Mas ele ficava surpreso que o Dr. Wedge, um médico comportamental, acadêmico que não falava português, “*tenha encontrado grupos de 20 pessoas dispostas e esse tipo de estudo.*” Continuava,

“Minha impressão é que no Brasil, grupos deste tamanho tendem a virar uma série de monólogos, com um ou dois estudantes dominando as entrevistas. Eu acho que grupos de cinco ou seis seriam mais benéficos e muito mais de acordo com situações onde estudantes normalmente comunicam e definem suas opiniões.”<sup>6</sup>

Além disso, havia o obstáculo da língua.

“[...] Há certamente o risco de que o estilo e padrões de comunicação dos estudantes sejam diferentes nessa situação. [...] a presença de um americano provavelmente vai afetar os tipos de temas que naturalmente virão à tona. Não que os estudantes não serão honestos. Ao contrário, o risco é de que haverá uma ênfase desproporcional nos Estados Unidos e uma desproporcional condenação dos Estados Unidos.”<sup>7</sup>

Ora, Lane, um oficial de um bureau caracterizado pela atividade racional e metódica, sabia do que estava falando. Para este tipo de pesquisa, onde o universo de participantes era alto e os resultados podiam ser contaminados pela presença de um entrevistador americano, a USIA/USIS tinha como costume a contratação de empresas terceirizadas, como o *IPOM* (*Instituto de Pesquisa e Opinião de Mercado*, de São Paulo, o carioca *INESE*

---

<sup>6</sup> Carta de Johnathan Lane, da USIS-RJ, a John Evans, da USIA. Disponível no NARA, RG 306, E1018, Caixa 3, Tradução do autor

<sup>7</sup> Carta de Johnathan Lane, da USIS-RJ, a John Evans, da USIA. Disponível no NARA, RG 306, E1018, Caixa 3, Tradução do autor

(*Instituto Nacional de Estudos Sociais e Econômicos*) e a *Alpha – Propaganda – Promoção de Vendas*, também de São Paulo. Em correspondência trocada entre Lane e Kenneth Adler, Chefe Interino da Divisão de Mídia e Recursos Técnicos da USIA, ele fica feliz que o pagamento pelos serviços prestados pelo IPOM possam ser feitos mesmo depois do trâmite burocrático para a autorização desse empreendimento: “*I don’t know how we could respond to your hurry-up requests if we didn’t have such a good working relationship with the contractors*”<sup>8</sup>, diz ele em documento datado em 27 de abril de 1964.

A longa carta de Johnathan Lane para John Evans, que repete ao menos 3 vezes um esforço de finalização, revela a crescente honestidade de opinião de seu autor, que, finalmente, declara sua desconfiança não apenas sobre os métodos, mas os objetivos indefinidos do projeto do Dr. Bryant Wedge. Sumariza ele,

“[...] sobre a proposta, estou incerto que ele [Wedge] irá muito além das entrevistas abertas que fizemos relacionadas com o estudo sobre estudantes, ou mais além do contato constante que os oficiais aqui têm com pequenos grupos de estudantes. Em última instância eu estou exagerando, certamente será de grande valor ter um cientista social treinado fazendo observação, registrando e depois fazendo uma análise objetiva. Mas ele não deixa claro quais análises ele quer fazer. É claro, sou tão interessado em descobrir as raízes das atitudes e estilos e padrões de comunicação e persuasão, como qualquer um. [...].

Eu tenho a impressão de que, com o método proposto, ficaremos desapontados com os resultados sobre como, de quem e onde as atitudes têm origem.

Desculpe não ter tido tempo de escrever uma carta mais curta.

Sinceramente,

Johnathan P. Lane

Research Officer”<sup>9</sup>

Não há indícios de que os protestos de Johnathan Lane contra a “intromissão” de um “cientista social treinado”, do setor privado, usando meios

---

<sup>8</sup> Carta de Johnathan Lane, da USIS-RJ, a Kenneth Adler, da USIA. Disponível no NARA, RG 306, E1018, Caixa 3, Tradução do autor

<sup>9</sup> Carta de Johnathan Lane, da USIS-RJ, a John Evans, da USIA. Disponível no NARA, RG 306, E1018, Caixa 3, Tradução do autor

e recursos governamentais, alheio às peculiaridades brasileiras, tenha surtido qualquer efeito. Não é possível saber se Ralph White ou mesmo John Evans chegaram a responder a Lane no Rio de Janeiro, pois não foram encontrados até agora mais documentos que comprovem isso. Contudo, é possível afirmar com segurança que a pesquisa do Dr. Wedge foi executada. Longa e penosamente. Ele enviou várias cartas para John Evans, superior de Lane, relatando seus progressos, dificuldades e retrocessos. Uma delas diz:

“18 de Outubro, 1964

Mr. John Evans,

Caro John,

Exceto o Brasil ser fascinante, eu lamento ter tentado explorar e descrever a mentalidade social brasileira. Cheia de paradoxos, caos, anarquia, desorganização, mitos, estereótipos, etc, ad infinitum. Ainda mergulhada em sólidas estruturas e tradições (feudalismo político e econômico de meados do século 19 com aspirações do século 21), estudantes, ao menos, tendem a viver num futuro mítico. De forma preliminar, me parece que o ímpeto a uma modernização revolucionária foi soterrada em face à ‘revolução’ ou golpe de 31 de Março, mas de modo algum morreu, mesmo que o poder e autoridade permaneçam com forças conservadoras. [...]”<sup>10</sup>

Sobre as entrevistas ele resumizou na mesma carta:

[...] a) A mesma pessoa possui opiniões absolutamente incompatíveis, simultaneamente.

b) Opiniões expressas dependem de com quem eles acham que estão falando. Eu me fiz de Marxista (uma boa opção eu não ter confessado meu financiamento – eles achavam que eu era o 007 ou da CIA de qualquer jeito, ou seja, uma grande paixão por conspirações) e tive respostas completamente diferentes do mesmo grupo.

c) Raramente existe uma conexão entre ideia e ação – de fato, eles estão em direções opostas.

d) ‘Fatos’ são notavelmente insignificantes exceto se forem diretamente tangíveis”<sup>11</sup>

O que era previsto para durar quatro semanas em 1963, compreendeu um período de quase 2 anos. O relatório final da pesquisa de Wedge data de

---

<sup>10</sup> Carta do Dr. Bryant Wedge para John Evans, disponível no NARA, RG306, E1018, Caixa 3. Tradução do autor.

<sup>11</sup> Carta do Dr. Bryant Wedge para John Evans, disponível no NARA, RG306, E1018, Caixa 3. Tradução do autor.

junho de 1965. Pouco antes, em fevereiro, ele finalizava os resultados e resumiu parte de suas impressões da seguinte forma:

“[...] Eu concluí que análise de opinião no senso tradicional é passível de confusões enganosas na realidade brasileira; opinião tem apenas a mais tênue relação com códigos de operação e é excessivamente instável. Assim estou tentando criar modelos de como estudantes conceituam e como isso é expresso em comportamento. Mas isso é bem escorregadio e muito trabalhoso. Por exemplo, tanto Goulart quanto o governo “Revolucionário” se descrevem em termos como ‘democrático’ e ‘revolução’. Isso é típico, mas torna as coisas bem confusas.”<sup>12</sup>

A despeito dos julgamentos que se façam sobre a precisão do comportamento dos brasileiros ou do caráter quase anedótico das conclusões do Dr. Bryant Wedge (afinal ele mesmo acabou por reconhecer sua falha de métodos para entender as opiniões os estudantes brasileiros) o que parece ser mais relevante do caso da pesquisa empreendida por ele é a forma como tal esforço foi aceito e institucionalizado dentro da USIA. Essa aceitação, por meio da documentação indicada, ilustra uma miríade de características não apenas de uma ação, mas da estrutura, do funcionamento, protocolo, tradições, condutas, práticas, valores e intenções da USIA, da USIS e do próprio Departamento de Estado durante não só a década de 60, mas também referente ao surgimento daquela agência, em 1953.

A crítica de Johnathan Lane à lacuna de objetivos no projeto de Wedge e, o que para ele era visível, uma falha metodológica basilar em se tratando de entender outro país, indica, com sólida segurança, que o principal critério diretivo da USIA, e por consequência, de todo o aparelho de difusão e coleta de informações dos Estados Unidos durante a Guerra Fria, era apenas um: a racionalidade metodológica. A matemática, a estatística, o cartesianismo nos métodos, o monitoramento constante e atualizado, objetivamente quantificável eram senão ideais de comportamento, os únicos recursos confiáveis.

Essa celebração do dado quantitativo, requerido por Lane, em detrimento de dados “meramente” qualitativos, valorizado por Wedge, isoladamente pode parecer um exagero de interpretação baseada em

---

<sup>12</sup> Carta do Dr. Bryant Wedge para John Evans, disponível no NARA, RG306, E1018, Caixa 3. Tradução do autor.

documentação singular. Contudo, em um conjunto de documentos posteriores, de 1974, uma análise sobre o alcance, características do público e potenciais de influência do programa de rádio Voice of America (VOA), traz a carta de uma certa Elaine MS, que dizia:

“Para: HEE

Eu revisei o relatório anexo e o considero bastante inaceitável e muito presunçoso. Os resultados e conclusões descritos que estamos oferecendo são resultado de aplicação ilógica e indiscriminada de fórmulas matemáticas. Aqui um exemplo: em Belo Horizonte, 1 indivíduo escutou VOA/Inglês, 1 indivíduo escutou BBC/Inglês, 3 escutaram VOA/Português, o alcance foi de .22%-.29% e a Tabela 3 registra .3%; 1 indivíduo escutaram BBC/Inglês, 1 para BBC/Português, 1 para BBC/Outra língua, o alcance foi .0,7%-.22%, Tabela 3 registra uma incidência de .0,5%. Recontagem deve ter feito maravilhas para um indivíduo.

Como exercício de aplicação de fórmulas, o relatório pode ser considerado aceitável, mas como evidência empírica de audiência, é falha ~~em qualquer revisão crítica dos dados coletados.~~

Não estou recomendando que o relatório não seja publicado, mas apenas que ele registre resultados que possam ser provados.

Eu discuti meus problemas com P. Janicki e achei as respostas dele bem insatisfatórias. Eu não posso concordar com nenhum dos resultados do relatório e talvez seja proveitoso discutir o tratamento matemático que aplicamos aos dados coletados. Caroline Hillier, quem está mais ciente das limitações da aplicação estatística a dados de pesquisa, pode oferecer um bom diálogo com PJ.

Elaine NS.”<sup>13</sup>

O estudo preliminar dos documentos produzidos pela USIA/USIS durante a Guerra Fria indica que esta agência, como braço do Departamento de Estado, do governo americano e canal de relações culturais entre Brasil e Estados Unidos, aspira interpretar grupos, parcelas da população, economia, cultura, linguagem, talentos, habilidades, gostos, crenças e ideologias em termos objetivamente quantificáveis, passíveis de observação e, assim, potencial instrumentalização.

Porém, não há evidência documental que os funcionários ou oficiais da USIA/USIS manifestem por quê.

---

<sup>13</sup> Carta de Elaine NS, sem data, presumivelmente de 1974, anexo ao relatório de ouvintes do VOA de Setembro de 1974 produzido pela USIA. Disponível no NARA, RG306, E1018, Caixa 4. Tradução do autor.

### Referências Bibliográficas

ARNT, Richard. *The First Resort of Kings. American Cultural Diplomacy in the twentieth century.* Washington DC: Potomac Books, 2005.

FICO, Carlos. *O Grande Irmão – Da operação Brother Sam aos anos de chumbo.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2008.

KEMPE, Frederick. *Berlin 1961 – Kennedy, Khrushhev, and the most Dangerous Place on Earth.* New York: Berkley Books, 2012.

WALTERS, Vernon. *Missões Silenciosas.* Rio de Janeiro: Record, 1980.